



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-trilogia-xenogenese/>

A trilogia *Xenogênese* de Octavia Butler: evocações de uma ética do co-partilhar as diferenças

Henrique César da Silva [1]

BUTLER, Octavia E. **Despertar. Xenogênese vol. 1.** Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018. 352 p.

BUTLER, Octavia E. **Ritos de Passagem. Xenogênese vol. 2.** Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Morro Branco, 2019. 368 p.

BUTLER, Octavia E. **Imago (Lilith's brood - book three).** London: Headline, 2014. 230p.

Soube de Octavia Butler pelo podcast Benzina [2], em que a jornalista e poeta Stephanie Borges e o antropólogo Orlando Calheiros abordam sua trilogia *Xenogênese* e os livros *Parábola do Semeador* e *Parábola dos Talentos*. Optei por conhecer a escritora pela trilogia, composta por *Despertar* (2018 [1987]), *Ritos de Passagem* (2019 [1988]) e *Imago* (2014 [1989]), este sem tradução brasileira. A trilogia *Xenogênese* antecede a publicação dos outros dois e é precedida pelo aclamado *Laços de Sangue* (*Kindred*). Em 1976, teve início a trajetória literária desta escritora negra, norte-americana, de Pasadena, Califórnia, filha de uma empregada doméstica e de um engraxate, órfã de pai aos seis anos, e, que, segundo conta, quando criança decidiu ser escritora, a tia teria dito que ser escritor não é coisa de negros, ainda mais de ficção científica.

Para abordar a trilogia *Xenogênese*, posiciono-me de um lugar enquanto leitor, preenchido pelo que me evocaram e continuam evocando seus textos. E foram muitas microevocações; a cada capítulo, a cada página e também certas palavras. Algumas dessas microevocações, encontrei depois, foram tematizadas em leituras e análises acadêmicas de seus livros. Os comentários e análises sobre os trabalhos de Octavia Butler os conectam a temas como o manifesto ciborgue de Donna Haraway, ao pós-humanismo, ao afrofuturismo na literatura, a teorias literárias feministas, teorias pós coloniais, à teoria queer, aos corpos político-ativistas, à sociobiologia. Conexões que, a meu ver, indicam a importância e o pertencimento sem igual de suas histórias aos dias atuais.



Tempo de individualismos exacerbados, tempo em que os sofrimentos, físicos e psíquicos, são sintomas e consequências de neoliberalismos que “empoderam” individualidades isoladas, instrumentos para uma microguerrilha cotidiana e sem fim, sustentada pela lógica do mais forte, do que grita ou cancela mais. Uma lógica que classifica e hierarquiza diferenças. A experiência de leitura desses livros se opõe à lógica da morte. Morte do outro diferente, morte da Terra enquanto lugar de vida. É essa experiência, propiciada pela narrativa dos livros de Xenogênese, que evocou e evoca inúmeras questões do nosso presente e passado complexos, ao me permitir imaginar, nos e pelos escritos de Butler, futuros possíveis.

Os personagens principais de suas histórias são mulheres, negras, com trajetórias de sobrevivências e transformações: culturais, físicas e comportamentais. Contam que Octavia viajou pela floresta amazônica e pelos Andes, conhecendo seus povos, para compor essa trilogia. As referências às culturas Igbo e Yorubá da Nigéria, estão por toda parte, não apenas em Xenogênese, como em outros de seus livros [3]. Em Xenogênese, para citar alguns exemplos, temos a importância dos nomes, o sobrenome de Lilith, Iyapo, o nome Akin, de seu filho híbrido com os alienígenas Oankali, ambos de origem Yorubá nigeriana, as relações de parentesco não consanguíneas.

Os livros de Xenogênese colocam no futuro, na ficção dita científica, não apenas o negro, mas os problemas da comunicação, do poder, do pensamento hierárquico entre os seres, e de futuros possíveis pelas trocas, pela partilha das diferenças. Nos três livros, na maioria das páginas, o texto, os personagens e as situações das histórias de Octavia Butler nos inserem nessas experiências de partilhas. Partilhas de genes, de saberes, de línguas, de culturas, de possibilidades éticas... não sem poderes, melhor, micropoderes; não sem resistências, microrresistências; mas sempre com partilhas e permutas. Uma experiência tensa, do começo ao fim, uma experiência de ensino/aprendizagem, que, para mim, é sinônimo de co-partilhamento.

Em Xenogênese tudo é troca, permuta, partilha: de saberes, de comunicação, de corpos, de prazeres sexuais, de genes, de culturas. Trocas em meio a relações de poder microestruturadas



por uma literatura molecular, concordando com o termo utilizado por Borges e Calheiros no episódio do Benzina (2020). As trocas/permutas representam a condição fundamental da sobrevivência das espécies. Espécies que coabitam, coexistem, para serem formadas, se auto-formarem e se transformarem; espécies que interagem tanto por trocas/partilhas/permutas, quanto por micropoderes. Os Oankali deixaram seu planeta de origem há muitos séculos, para empreender uma jornada de permutas genéticas com espécies de outros planetas. Para eles, a permuta, pela diferença, é condição de vida e a condição de vida é a cocriação de si mesmos como novas espécies.

Desde *A origem das espécies*, publicado por Darwin em 1859, sabemos que não há espécies criadas sozinhas, mas sempre na relação com outras e com o ambiente abiótico. Em *Despertar*, o primeiro livro da trilogia, essa interação entre espécies, ou ainda melhor, entre seus seres queer [4], ciborgues orgânicos [5] e seus ambientes cocriados, vai ao limite. A nave, em que os alienígenas habitam, viajam e onde mantiveram os humanos capturados, também é um ser vivo; a nave cresce e se transforma e aprende e inter-age com outros seres humanos-híbridos, Oankali, plantas e animais. A nave é um dispositivo criado, um dispositivo tecnológico. Mais um ente na cosmologia e ontologia ciborgue de Butler. Mesmo o controle da nave não é tecnológico no sentido moderno, mas uma troca, um compartilhamento. Os genes, as ideias, as culturas, as palavras, os corpos. E o com-partilhamento é a peça-chave das transformações como possibilidades de futuros. Nada é pré-definido. A evolução, a ecologia e a biodiversidade na trilogia de Butler são cosmológicas.

Penso que o corpo seja também um personagem importante em *Xenogênese*. O corpo que se transforma ao longo da narrativa. O corpo biológico, genético e comportamental. O corpo social. O corpo comunicativo, expressivo, afetivo. O corpo sexual. O corpo para procriação. O corpo para doença e para a cura. Os corpos em diferenças provocam medo, aversão e loucura, contextualizando situações de risco e autorrisco. Essas diferenças corporais provocam também encantos, curiosidades, descobertas, aprendizagens e novas possibilidades de trocas. A nave-corpo-útero. O corpo em meio a outros corpos; pequenas comunidades e variadas formas



parentescos. Butler incorpora e transforma em seus livros a experiência de vida de seu próprio corpo, de mulher negra de 1,80 de altura, em meio a uma Pasadena racista. Não pude deixar de ler aí a experiência de outros corpos-cultura-política de Judith Butler, a dos corpos marginalizados, queers, dos corpos em risco, dos corpos violentados, as experiências de pessoas e comunidades marginalizadas.

A negritude, o corpo negro, não está na história em luta contra os corpos brancos, a branquitude, que historicamente os subjugarão e subjugarão. A negritude talvez seja o que tenha dado a Lilith uma possibilidade maior de sobrevivência, o requisito fundamental que a fez ser escolhida pelos Oankali para suas permutas e para a reconstrução das comunidades na Terra. Seu querer estar viva, enquanto tantos outros humanos enlouqueceram ou se suicidaram pelo contato com os Oankali nesses 250 anos pós terceira guerra mundial. Lilith tem uma trajetória de sobrevivências já passadas na Terra antes da guerra final. A aprendizagem de uma incrível força de adaptação e de questionamento. Não posso deixar de ler a diáspora africana pela escravização. Nós negros estamos aqui! Nós negros somos sobreviventes. Nós negros transformamos e fomos transformados nos e contra os embates dos poderes hierárquicos.

A hierarquização é um tema fundamental dos livros, eu diria um conceito central.

-- Mas qual era o problema? Você disse que tínhamos duas características incompatíveis. Quais são elas? [perguntou Lilith]

[...]

-- Vocês são inteligentes -- respondeu ele [o Oankali chamado Jdahya]. [...]

-- Qual a segunda característica?

-- Vocês são hierárquicos. Essa é a característica mais antiga e mais arraigada. Nós a observamos nos animais mais próximos de vocês e nos mais distantes. É uma característica terrestre. Quando a inteligência humana foi colocada a serviço dessa característica em vez de guiá-la, quando a inteligência humana não a reconheceu como um problema, mas se orgulhou dela ou simplesmente não a percebeu...--- Aquele ruído soou novamente. -- Foi como ignorar o câncer. Acho que seu povo não percebeu que coisa perigosa estava fazendo. (Butler, 2018, p. 49)



No enredo de fundo sociobiológico [6] de Butler esta característica seria genética e apenas uma permuta genética com os Oankali poderia modificá-la, ou seja, uma evolução do humano para o pós-humano. Eis a trajetória da personagem Lilith, no primeiro volume; de sua cria híbrida Akin (no segundo volume), e finalmente, no terceiro, a de Jodahs, já habitando uma Terra em reconstruída, uma civilização em reconstrução, já não humana, mas pós-humana. Contra a diferença hierarquizada, as histórias de Butler propõem a experiência da diferença compartilhada, da diferença horizontal, da diferença como ponto de partida, sobre a qual escreveu Jacques Rancière.

Embora as narrativas da trilogia se ancorem em personagens centrais, Lilith no primeiro volume, Akin, no segundo, e Jodahs no terceiro, este último, o único volume em primeira pessoa, outro tipo de personagem importante são os coletivos, as comunidades e as parentalidades. Os seres, humanos ou alienígenas não são isolados, nenhum ser é isolado em *Xenogênese*. Só há transformação, evolução, porque há diferenças e partilhas. Não há apagamento das pessoas frente aos coletivos, os personagens são complexamente definidos: erram, se autoenganam, aprendem, tomam atitudes, exercem suas escolhas, vivenciam embates, riscos. Não há seres e transformações dos seres nas histórias que não passem pelos coletivos, que não se deem como resistências e compartilhamentos em pequenas comunidades. Os coletivos são fontes de diferentes formas de opressão, mas são igualmente fontes de transformações, e onde se criam as resistências. Não há poder, ou melhor, micropoderes, nessa trilogia, que não sejam confrontados com microrresistências. Resistências, opções e escolhas ético-adaptativas.

Os micropoderes estão em toda parte. Começamos o primeiro livro, *Despertar*, pela personagem Lilith acordando sozinha num quarto totalmente branco e sem móveis, que ela descobrirá posteriormente ser um quarto de uma nave alienígena, também uma forma de vida ciborgue (Haraway, 2009), após 250 anos de sua captura como um dos sobreviventes humanos pós terceira guerra mundial, que teria matado ou transformado quase toda a vida na Terra e impossibilitado a vida dos humanos no planeta. Da Lilith humana sozinha, a narrativa afeto-molecular de Butler nos leva para a Lilith humana no tenso contato com os alienígenas Oankali e Ooli [7], depois para sua



transformação em humana híbrida pela modificação genética provocada pelos Oankali, depois para a formação do primeiro grupo de humanos despertados e seus microembates, dentro dos quais, Lilith, já uma diferente em relação aos outros humanos, um corpo queer, e portanto, uma ameaça; e depois, ao longo dos demais livros, para a criação de diferentes grupos formados por humanos e não-humanos, humanos híbridos e novas espécies já nascidas do cruzamento humanos-alienígenas, numa nova Terra, retrabalhada pelos Oankali para receber de volta os já humanos. Os percursos dos personagens se tramam com percursos de construções de novos coletivos, novas relações entre os seres, sejam humanos, pós-humanos ou não-humanos, numa ecologia natural, social e ética, numa ecologia criativa, engendrada pelas permutas, e, por isso, aberta a possibilidades de futuros.

Lilith é negra e sobrevivente. No entanto, essa dupla característica dá contornos específicos tanto à sua negritude quanto à sua sobrevivência. O ser sobrevivente se destaca na Lilith que vamos conhecendo à medida que nos é apresentada sua história, lado a lado, e jamais antes, do conhecimento progressivo que a própria personagem vai adquirindo de sua condição de despertada. O enredo do primeiro livro, como o próprio título sublinha, é a história do sentido de seu despertar, sentido que a narrativa nos conduz a construir. Lilith é escolhida pelos Oankali onde outros tantos falharam, não sobrevivendo ao encontro com estes alienígenas, pela loucura ou pelo suicídio, pela repugnância de seus corpos e pela situação de domínio. Lilith é a transformação de si mesma no encontro com os Oankali. Transformação de concepção de mundo, de corpo, de ser. Mudança genética e mudança cultural estão imbricadas, costuradas por escolhas éticas. De uma ser humana para uma ser humana quase híbrida, ainda geneticamente humana, mas já transformada. Lilith foi escolhida pela sua capacidade de sobrevivência. Essa capacidade e essa história dá sentido à negritude: somos negros, muitos de nós temos sido subjugados, temos sido assassinados, exterminados, relegados a condições de existência desumanas, mas estamos vivos. A negritude ainda está aqui, ela é sobrevivente. Assim como a personagem, nós negros também aprendemos a nos adaptar a outras culturas e outros povos, mas não esquecemos de onde viemos e reverenciamos nossos ancestrais. Não sem transformações, não sem provocar transformações. Corpo ciborgue de Haraway? Corpo político-ativista? Corpo queer do filósofo decolonial Paulo B. Preciado? Evocações a serem exploradas. Modificam-se o erotismo, a comunicação, a sexualidade,



vários afetos, as funções, as capacidades físicas e mentais. Mas há algo talvez que já estivesse lá (em seus genes? Pela sua história de vida negra?): a sua força e capacidade de sobrevivência. Já não tão humana, Lilith passa a representar uma ameaça aos outros humanos por ser diferente. E terá, mais uma vez, que lutar para sobreviver ao que essa ameaça gera, colocando-a em risco. O despertar de Lilith é um despertar para o pós-humano que culmina no nascimento de seu filho Akin, que em Yorubá, significa homem valente, guerreiro, herói. O segundo título da trilogia, *Ritos de passagem*, é a história desse seu filho, nascido Humano-Oankali pela intervenção de um Ooli na relação sexual.

Akin, híbrido, nasce e cresce corpo-visível-humano que passará por metamorfoses. Se Akin já tem menos que sua mãe Lilith da sua ascendência africana, ela permanece evocada em seu nome Yorubá, em seu corpo miscigenado. Mas a história desse segundo volume, entrelaçada à de Akin, é a experiência da passagem da humanidade para a pós-humanidade na volta para a Terra.

As transformações de Lilith e Akin e as relações que seus corpos-ideias estabelecem com outros (cultura), são transformações sociobiológicas, genéticas, comportamentais e relacionais que envolvem possibilidades de diferentes éticas. Há escolhas, não há puro e simples determinismo genético, embora os genes sejam elementos fundamentais nas tramas da trilogia. O comportamento dos personagens é fenotípico, jamais determinado exclusivamente pelos genes.

Leio e partilho, feliz, o que aprendo da literatura de Butler como uma literatura de resistência, não porque denuncia apenas, ao me afetar pela condução por experiências de micropoderes gerando evocações sobre nosso passado e nosso presente, de racismos, feminicídios, LGBTtícidios, intolerâncias, mas literatura de resistência porque aponta futuros éticos possíveis. Éticas, saberes e comunicações da nossa condição de coexistentes.

Agradecimento: à Catia Allegretti, pela leitura atenta, questionadora, pelas sugestões, pelas correções, pelo com-partilhamento de afetos instigantes.



Bibliografia

BENETTI, J. S. **Queer families in octavia butler's science fiction**. Dissertação (Master of Arts in English). Middle Tennessee State University. Murfreesboro, TN, 2019, 75 p.

BENZINA. **A literatura molecular de Octavia Butler**. Stephanie Borges e Orlando Calheiros. novembro. nov. 2020. Podcast. Episódio. 94 mim. Disponível em < <https://open.spotify.com/episode/27Smzq6t3Qam1gJOQb9jHo> >. Acesso em 22/02/2021.

CAVALCANTI, I. Do ciborgue às espécies companheiras: leituras de ficções de Jeanette Winterson e Karen Joy Fowler. **Graphos - Revista da pós-graduação em Letras**, vol. 20, n. 2, p. 102-120, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1516-1536.2018v20n2.44127>

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. IN: Haraway, D.; Kunzru, H. e Tadeu, T. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano /** organização e tradução Tomaz Tadeu – 2. ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, p. 33-118 , 2009.

LAURIE, T. More Human than Human: The Ethics of Alienation in Octavia E. Butler and Gilles Deleuze. **Aumla: a journal of literary, language and cultural studies**, p.177-190, 2009,. Disponível em:

<https://opus.lib.uts.edu.au/bitstream/10453/44706/1/More_Human_than_Human_The_Ethics_of_Alie.pdf >. Acesso em 19/02/2021.

SETKA, S. Phantasmic Reincarnation: Igbo Cosmology in Octavia Butler's *Kindred*. **Melus**, vol. 41, n. 1, p. 93-124, 2016. Disponível em: < <https://www.muse.jhu.edu/article/611915>>.

VADO, K. A. "But All We Really Know That We Have Is the Flesh": Body-Knowledge, Mulatto Genomics, and Reproductive Futurities in Octavia Butler's *Xenogenesis*. In: Japtok M., Jenkins J. (eds) **Human Contradictions in Octavia E. Butler's Work**. Palgrave Macmillan, Cham, p. 147-178, 2020.

Recebido em: 20/03/2021

Aceito em: 15/04/2021



[1] Professor Doutor no Centro de Ciências da Educação/UFSC e Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica/UFSC. E-mail: henrique.c.silva@ufsc.br

[2] Podcast Benzina (2020): os autores comentam notícias, arte e filosofia inspirados pelo anarquismo, feminismo e afrofuturismo.

[3] Ver, por exemplo, Setka (2016) sobre uma entidade Igbo e seu correlato Yorubá presente no livro *Kindred* (Laços de sangue) de Octavia Butler.

[4] Benetti (2019) desenvolve essa relação entre os personagens de Butler e a teoria queer.

[5] Em *Xenogênese* parece que todo constructo tecnológico é, de alguma forma, bioquímico, biológico, e portanto, orgânico.

[6] Na mesma página 49 há uma referência explícita à sociobiologia quando Jdahya fala que nossa inteligência possibilita negarmos os fatos que temos aversão. Lemos nessa passagem estudo do sociobiólogo Robert Trivers sobre o auto-engano, tema que desenvolve na década de 1990, mas sobre o qual já vinha publicando desde 1982. Sobre as relações da obra de Butler com a sociobiologia, veja, exemplo, Vado (2020).

[7] Entre os alienígenas há os Oankali machos, fêmeas e os Ooli, um terceiro gênero que participa do cruzamento entre os machos e fêmeas Oankali.